

A POESIA INSUBMISSA DE CECÍLIA MEIRELES EM *MAR ABSOLUTO E OUTROS POEMAS*

Kallel Alves Machado (UFC)¹

RESUMO: Neste estudo interessa-nos a crítica poética de Cecília Meireles à guerra em *Mar absoluto e outros poemas*, de 1945. Defendemos a ideia de que a poeta reveste sua poesia de um ânimo político, fazendo de sua voz poética um canto insubmisso e, por isso mesmo, a teoria que contribui com a presente discussão é a de Roberto Pontes, formalizada no livro *Poesia insubmissa afrobrasilusa* (1999). Lançamos mão das próprias reflexões da autora num de seus discursos, em que, a nosso ver, constrói uma poética, e nos seus próprios poemas em que isso aparece exercido. Ao articularmos as ideias de Cecília Meireles sobre poesia à teoria de Roberto Pontes, bem como à de outros ensaístas sintonizados com a literatura social, como Alfredo Bosi (1977; 1992) e Pedro Lyra (1993), não temos a intenção de aprisionar teoricamente a poesia da autora, e sim ter a voz de ambos nos acompanhando em nossa análise. Para uma melhor compreensão da poesia política de Cecília Meireles, complementamos nossa abordagem com alguma fortuna crítica, recorrendo principalmente aos estudos de Andresen (1999), Bosi (2007), Silva (2009), Moura (2016) e Pietrani (2019). Verificar-se-á que a perspectiva civil, feminina e pacifista assumida em sua insubmissão poética foi o meio que a poeta usou para se engajar na crise social em curso, e que seus poemas, podem ter alcançado, através da força ideológica de expressão, a instância mais alta da poesia, conscientizando moralmente na vida política e social o público leitor.

PALAVRAS-CHAVES: Poesia insubmissa; Memória; Testemunho; Autoria feminina; Segunda Guerra Mundial;

ABSTRACT: In this study, we are interested in Cecília Meireles' poetic criticism of the war in *Mar absoluto e outros poemas*, 1945. We defend the idea that the poet coats her poetry with a political mood, making her poetic voice an unsubmissive song and, for this very reason, the theory that contributes to this discussion is that of Roberto Pontes, formalized in the book *Poesia insubmissa afrobrasilusa* (1999). We use the author's own reflections in one of her speeches, in which, in our view, she constructs a poetics, and in her own poems in which this is exercised. In articulating Cecília Meireles' ideas about poetry to Roberto Pontes' theory, as well as to other essayists in tune with social literature, such as Alfredo Bosi (1977; 1992) and Pedro Lyra (1993), we do not intend to theoretically imprison the author's poetry, but to have the voice of both accompanying us in our analysis. For a better understanding of Cecília Meireles' political poetry, we complement our approach with the critical fortune method, resorting mainly to the studies of Andresen (1999), Bosi (2007), Silva (2009), Moura (2016) and Pietrani (2019). It will be verified that the civil, feminine and pacifist perspective assumed in her poetic insubmission was the means the poet used to engage in the ongoing social crisis, and that her poems, may have reached, through the ideological force of expression, the highest instance of poetry, raising moral awareness in political and social life to the reading public.

KEY WORDS: Insubmissive poetry; Memory; Testimony; Women authorship; Second World War;

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará - UFC, com graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, (2017). E-mail kallel.alves@gmail.com

COMPROMISSO

TRANSPORTAM meus ombros secular compromisso.
Vigílias do olhar não me pertencem;
trabalho dos meus braços
é sobrenatural obrigação.

Perguntam pelo mundo
olhos de antepassados;
querem, em mim, suas mãos
o inconseguido.

Ritmos de construção
enrijeceram minha juventude,
e atrasam-me na morte.

Vive! – clamam os que se foram,
ou cedo ou irrealizados.

Vive por nós! – murmuram suplicantes.

[...]

Conduzo meu povo
e a ele me entrego.

E assim nos correspondemos.

[...]

E somos um bando sonâmbulo
passeando com felicidade
por lugares sem sol nem lua.

Cecília Meireles

(*Mar absoluto e outros poemas*, 1983)

INTRODUÇÃO

O compromisso poético e político de Cecília Meireles em *Mar absoluto e outros poemas*, de 1945, ecoa em nós desde nossa primeira leitura desse livro de poesia e, ainda que menos observada pela crítica literária, a poesia política da autora, constantemente associada ao *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953, pode ser encontrada mais cedo, na obra que ora nos dedicamos a analisar, como resposta à violência da guerra que acontecia no contexto de produção no qual a autora estava inserida. É disso que trataremos, tendo como foco de análise o papel do poeta em momentos de crise social, neste a importância de Cecília Meireles no respectivo momento histórico e artístico do qual fez parte dada a relevância da poesia insubmissa por ela produzida.

O poema escolhido como epígrafe deste estudo, retirado do *corpus* estético em questão, desde o primeiro verso ("TRANSPORTAM meus ombros secular compromisso.") esclarece sobre as nossas ideias de que Cecília se insere numa tradição da palavra insubmissa², e por isso

² Os contornos do ser da poesia insubmissa foram enfocados inauguralmente na dissertação de mestrado de Roberto Pontes, defendida em 1989, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará – UFC, *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa: Estudo da Obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto*, formalizada em livro com o mesmo título em 1999. Trata-se de uma valiosa proposta de prática de estudo do texto poético que vem se juntar aos métodos de crítica literária e sistematizar um tipo de poesia pouco

mesmo a teoria que contribui com a presente discussão é a de Roberto Pontes, formalizada no livro *Poesia insubmissa afrobrasílusa* (1999), porque não vemos outra fonte onde ir colher os fundamentos teóricos da poesia insubmissa "se não as palavras dos poetas, seus diários, reflexões, comentários, prefácios, notas, discursos, sobretudo, os próprios poemas, que contém essa qualidade ou estado" (PONTES, 1999, p. 28).

Um dos diálogos com a fortuna crítica de Cecília Meireles, a que também recorreremos para a leitura da fala insubmissa da poeta, corrobora o modo como procederemos nossa análise: "Falar dum poeta é como querer apanhar água com as mãos. Prendemos só as nossas próprias palavras, enquanto o poeta nos foge. Só em poesia se pode falar de poesia" (ANDRESEN, 1956, p. 71)³. Isso soa como advertência por estarmos observando uma inversão metodológica nos estudos literários em geral, que, em vez de estarem fluindo dos textos literários para as questões conceituais pertinentes a eles, estão partindo de determinada teoria para uma ancoragem dos textos literários nelas.

Por isso, temos como bússola que nos orienta nessa navegação pelo *Mar absoluto e outros poemas* as próprias reflexões da autora em um de seus discursos no qual, a nosso ver, ela constrói uma poética. Também lançamos mão de seus próprios poemas em que isso aparece exercido. Ao articularmos as ideias de Cecília sobre poesia com a teoria de Roberto Pontes, e à de outros ensaístas sintonizados com a literatura social, como Alfredo Bosi (1977; 1992) e Pedro Lyra (1993), não temos a intenção de ancorar teoricamente a poesia da autora; temos, sim, o intuito de ter a voz de ambos a acompanhar nossa análise.

1.

A não observância de uma postura política para além do *Romanceiro da Inconfidência* na obra de Cecília Meireles nos motivou a escrever sobre *Mar absoluto e outros poemas*, que antecipa as questões sociais da sua poesia, a partir da perspectiva da própria autora em discurso

estudada pelos teóricos até a data de sua publicação, apesar de sua prática mais antiga poder ser remetida à Grécia antiga, precisamente ao poeta Arquíloco (705-640 a. C.), que dedicou em alguns de seus versos, uma crítica às más práticas da sociedade de seu tempo. É a partir da obra memorialística de Pablo Neruda (*Confesso que vivi e Para nascer nasci*) que Roberto Pontes retira os elementos mínimos para a teoria da poesia de fala insubmissa, dedicando-se a análise desse tipo de poesia produzida por José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto.

³ Texto escrito por Sophia de Mello Breyner Andresen para saudação à escritora brasileira numa reunião em que seria homenageada por intelectuais e artistas portugueses durante sua visita a Portugal, e que veio a se tornar o primeiro ensaio publicado por Sophia de Mello Breyner Andresen, sob o título *A poesia de Cecília Meireles*, em 1956.

intitulado *Como escrevi o Romancero da Inconfidência*, de 1955, porque acreditamos estar diante dum pleno exercício da palavra insubmissa.

Para darmos ideia dessas questões, podemos citar o fato de que o primeiro estudo a sistematizar a presença da guerra em Cecília Meireles foi publicado a menos de dez anos por Murilo Marcondes Moura, no livro intitulado *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial* (2016).

Um primeiro ponto que nos interessa no discurso de Cecília Meireles está em sua fala sobre as distâncias que separam o registro histórico da invenção poética:

o primeiro fixa determinadas verdades que servem à explicação dos fatos; a segunda, porém, anima essas verdades de uma força emocional que não apenas comunica fatos, mas obriga o leitor a participar intensamente deles, arrastado no seu mecanismo de símbolos, com as mais inesperadas repercussões (MEIRELES, 2013, p. 251).

Este excerto nos esclarece sobre a relação da poesia com a realidade, ao falar sobre experiências que, por fazerem referência a fatos históricos, aparecem inventadas pela escrita poética. Essa invenção é uma atitude política porque transgride o modo de pensar a respeito de determinada realidade quando lança outro olhar sobre ela e a modifica poeticamente. Daí poder dizer-se que a história da poesia é parte da história política e ideológica em que foram produzidas, e “se há sentido na poesia, há também nela expressa uma atitude mental do poeta diante da vida” (PONTES, 1999, p. 45). Em outro trecho do mesmo discurso de Cecília Meireles lemos o seguinte:

Muitas vezes me perguntei por que não teria existido um escritor do século 18 – e houve tantos, em Minas! – que pusesse por escrito essa grandiosa e comovente história. Mas a duzentos anos de distância, pode-se entender porque isso não aconteceu, principalmente se levarmos em conta a importância do traumatismo provocado por um episódio desses, em tempos de duros castigos, severas perseguições, lutas sangrentas pela transformação do mundo, em grande parte estruturada por instituições secretas, de invioláveis arquivos.

Também muitas vezes me perguntei se devia obedecer a esse apelo dos meus fantasmas, e tomar o encargo de narrar a estranha história de que havia participado e de que me obrigaram a participar também, tantos anos depois, de modo tão diferente, porém, com a mesma, ou talvez maior, intensidade (MEIRELES, 2013, p. 248).

Na escrita do *Romancero da Inconfidência*, cujos poemas recuperam e interferem na maneira como se registrou a história oficial dos tensos e violentos episódios da Inconfidência Mineira, o passado é evocado por meio da memória, em que a história do Brasil e as demandas

históricas da época se reúnem naquela narração épica e terrificante. No que se refere a ele, Cecília Meireles afirma que lida com um acontecimento que foi vivido como traumatismo, mas:

a Segunda Guerra Mundial não teria algo de parecido? Quais relações podemos estabelecer entre o trauma cuja herança nos chega intacta ao longo das vozes de fantasmas de 200 anos e o trauma que está acontecendo, está por acontecer – e, em certo sentido, foi vivido mas não foi experienciado? (BERGAMINI JUNIOR, 2022, p. 1)⁴.

No mesmo discurso citado anteriormente, a autora ainda enfatiza: "Sem sombra de positivismo, posso, no entanto, confirmar por experiência a verdade de que somos sempre e cada vez mais governados pelos mortos" (MEIRELES, 2013, p. 248). Logo, o modo como Cecília reflete sobre a relação entre história e poesia ao longo do *Romanceiro da Inconfidência* pode ajudar a pensar a maneira como ela se apropria da história presente em *Mar absoluto e outros poemas*, que igualmente tem uma presença fantasmática, aqui em decorrência dos mortos da segunda grande guerra. Alfredo Bosi ao refletir sobre o termo latino *cultus* em *Dialética da colonização* parece nos esclarecer sobre essa questão enfatizada pela poeta.

Cultus é particípio passado do verbo latino *colo*. *Colo* que "significou na língua de Roma, eu moro, eu ocupo a terra, e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo" (BOSI, 1992, p. 11). *Cultus* também tem a ver com cultivo, mas "é sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória. A luta que se travou entre o sujeito e o objeto do suor coletivo contém-se dentro do particípio, e o torna apto a designar a inerência de tudo quanto foi no que se passa agora" (BOSI, 1992, p. 13). Já *cultus, us*, substantivo "queria dizer não só o trato com a terra como também o culto dos mortos, forma primeira de religião como lembrança, chamamento ou esconjuro dos que já partiram" (BOSI, 1992, p. 13).

O que entende-se com a leitura do texto de Bosi é que não há nem culto nem cultura sem cultivo, sem este processo coletivo dos humanos que se insurgem contra as potências do esquecimento, e se retornamos ao poema da epígrafe, ainda em sua primeira estrofe veremos a voz de Cecília Meireles aliada a este pensamento ("Vigílias do olhar não me pertencem;/ trabalho dos meus braços/ é sobrenatural obrigação."). As palavras desse mesmo autor em outro texto teórico em que analisa o ser e o tempo da poesia também se fazem muito pertinentes à poeta, posto que sua poesia "resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, 'esta coleção

⁴ Esses questionamentos que fomentam a hipótese de leitura do presente texto foram retirados do esquema de aula sobre *A poesia de Cecília Meireles e a Segunda Guerra Mundial*, elaborado pelo professor Atilio Bergamini Junior para a disciplina Literatura e História (2022.1), do Programa de Pós-Graduação em Letras Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará.

de objetos de não amor' (Drummond) [...] resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia" (BOSI, 1977, p. 145).

Logo, se há no *Romanceiro* uma defesa dos inconfidentes, que voltaram-se para os problemas decorrentes do colonialismo e lutaram pelos ideais de liberdade ("olhos de antepassados;/querem em mim, suas mãos/o inconseguido."), e uma aproximação do fato histórico dos muitos invisibilizados de seu tempo ("Vive! – clamam os que se foram,/ ou cedo ou irrealizados./ Vive por nós! – murmuram suplicantes."), aparecem também desveladas coordenadas para uma leitura da poesia de *Mar absoluto*, porque se a reescrita de um passado traumático é uma exigência de sua poesia, com a Segunda Guerra Mundial (um dos eventos mais traumáticos da história moderna), que era vivenciado por ela no tempo real da produção de *Mar absoluto e outros poemas*, não se deu de modo diferente.

É através de seus poemas que a poeta intervém na realidade ("Conduzo meu povo/e a ele me entrego./E assim nos correspondemos."), e portanto, ao ficarmos diante de uma poesia que contém determinado modo poético com esses atributos, achamos pertinente qualificá-la de insubmissa, posto que sua finalidade reside não apenas na captação e na interpretação da realidade, mas também na intervenção sobre esta através do agir poético e político (PONTES, 1999). E essa poesia, ainda que envolta num profundo sentimento de melancolia ("E somos um bando sonâmbulo/passeando com felicidade/por lugares sem sol nem lua."), não se priva de um profundo conhecimento da realidade e, exatamente por isso, é ativa em seu repúdio consciente do mundo. Tanto que em outro poema de *Mar absoluto* lemos:

REALIZAÇÃO DA VIDA

NÃO ME PEÇAS que cante,
pois ando longe,
pois ando agora muito esquecida.

Vou mirando no bosque
o arroio claro
e a provisória
flor escondida.

E procuro minha alma
e o corpo, mesmo,
e a voz outrora em mim sentida.

E me vejo somente
pequena sombra
sem tempo e nome,
nisto perdida,

– nisto que se buscara
pelas estrelas,
com febre e lágrimas,
e que era a vida.
(MEIRELES, 1983, p. 247)

No poema transcrito vemos a poeta negando seu canto diante da incompatibilidade do tempo presente com a vida ao refletir sobre o próprio fazer poético. Numa espécie de exílio em relação aos seus iguais ("pois ando longe,/ pois ando agora muito esquecida."), o poema manifesta o seu desencanto por não conseguir resgatar completamente a poesia na realidade vivida, e também por isso, essa procura pela poesia é suscitada ao leitor na medida em que ele reflete sobre a experiência da poesia ser uma das maneiras de entrar em acordo com a natureza. Daí decorre a importância literária: a sua inserção na vida do ser humano, pois "o efeito do poema configura a utilidade da poesia" (LYRA, 1993, p. 19). Em "Desejo de regresso" navegam pelo *Mar absoluto*, outra vez, os "suspiros de exílio" da poeta:

DESEJO DE REGRESSO

DEIXAI-ME nascer de novo,
nunca mais em terra estranha,
mas no meio do meu povo,
com meu céu, minha montanha,
meu mar e minha família.

E que na minha memória
fique esta vida bem viva,
para contar minha história
de mendiga e de cativa
em meus suspiros de exílio.

Porque há doçura e beleza
na amargura atravessada,
e eu quero a memória acesa
depois da angústia apagada.
Com que afeição me remiro!

Marinheiro de regresso
com seu barco posto ao fundo,
às vezes quase me esqueço
que foi verdade este mundo.
(Ou talvez fosse mentira...)
(MEIRELES, 1983, p. 234)

Desde os primeiros versos do poema acima o que se vê, em tom de súplica, é o desejo de liberdade de uma condição expressa pelo verbo inicial na forma imperativa ("deixai-me"), tanto que a partir do terceiro verso a conjunção adversativa "mas" sugere outra realidade

desejada pela poeta, em que a tensão entre a humanidade e a natureza seja afastada. Na segunda estrofe lê-se a memória como objeto da discussão poética, pela necessidade de recontar os acontecimentos vividos que resultaram no seu distanciamento. Além do mais, a terceira estrofe reafirma a necessidade de manter essa história viva, porque vale como aprendizado quando a paz for restabelecida. Já na última estrofe, a realidade idealizada pela poeta se desfaz através de uma simbologia marítima, cujo naufrágio a faz lembrar a angústia do seu testemunho que queria ter findado em memória.

É essa tonalidade angustiante diante de uma realidade desumana que nos leva a considerar em Cecília uma poesia de ânimo político, cuja voz poética se constitui num canto insubmisso, e que pode ter alcançado, através da força ideológica de expressão, a instância mais alta da poesia, conscientizando moralmente na vida política e social o público leitor (LYRA, 1993). E ainda que Cecília Meirelles tenha suposto ser "uma certa ausência de mundo" o maior defeito de sua poesia, nosso pensamento se alinha ao de Alfredo Bosi, para quem essa autocrítica negativa devesse ser melhor entendida numa perspectiva positiva, porque seria esse um dos caminhos para entender sua poética, "uma pista para compreender a beleza e a densidade da sua poesia" (BOSI, 2007, p. 13). Nesse caso, o eu lírico de Cecília ao se afastar da experiência vivida, conservaria desse passado apenas uma memória remota, porém impregnada do mundo à sua volta, "distante e humanamente cheia de paixão e lágrimas" (ANDRESEN, 1999, p. 62). Para ela é esse distanciamento do poeta em relação às experiências vividas que permite ao poema "humanizar o homem". Não se trata de uma ausência pura e simples, mas de uma "presença altamente reveladora de sua consciência sobre o fazer poético" (PIETRANI, 2019, p. 100).

2.

Desde o início interessa-nos a crítica poética de Cecília Meireles à guerra, em *Mar absoluto e outros poemas*⁵. Estamos diante de um lirismo delicado e um dos mais permeáveis aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, segundo Moura (2016). Para ele:

a resposta da poeta à Segunda Guerra Mundial tem uma dimensão muito particular, em que não entram as polêmicas ideológicas, as táticas militares,

⁵ Poemas que fazem alusão à guerra em *Mar absoluto e outros poemas* (1983): "Sugestão" (p. 228-229), "Museu" (p. 229), "Lamento da noiva do soldado" (p. 239-240), "Os presentes dos mortos" (p. 241-242), "Suave morta" (p. 242-243) "Balada do soldado Batista" (p. 248-249), "Cavalgada" (p. 250-251), "Lamento da mãe órfã" (p. 257-258), "Caronte" (p.259), "Desenho" (p. 265-266), "Os mortos" (p. 269), "Lamento do oficial por seu cavalo morto" (p. 276-277), "Guerra" (p. 277), "Os homens gloriosos" (p. 279-280), "Evidência" (p. 282-283), "As formigas" (p. 296-297), "Joguinho na varanda" (p. 298-299) "Jornal, longe" (p. 301).

nem a visão religiosa totalizante. Trata-se, antes, da “guerra miúda” ou da “guerra em surdina” [...]. A resposta de Cecília Meireles à guerra é, por excelência, civil, já que formulada a partir da experiência privada e doméstica, e, por esse fato, é também, mais do que qualquer outra entre nossos poetas, visceralmente pacifista (MOURA, 2016, p. 248-249).

Vale ressaltar que parte dos poemas de *Mar absoluto* foi primeiramente publicada no jornal carioca *A Manhã*⁶. Ali a perspectiva civil, feminina e pacifista assumida em sua insubmissão poética já mostrava o meio que a poeta usou para se engajar na crise humanitária em curso.

Em "Os homens gloriosos" faz uso da palavra contra aqueles que constroem a guerra, o que vem a ser um fundamento da poesia insubmissa: "o enfrentamento e livramento da opressão detectada pelo poeta e acolhimento da sua poesia pela coletividade sedenta de verdade" (PONTES, 1999, p. 30):

OS HOMENS GLORIOSOS

SENTEI-ME SEM PERGUNTAS à beira da terra,
e ouvi narrarem-se casualmente os que passavam.
Tenho a garganta amarga e os olhos doloridos:
deixai-me esquecer o tempo,
inclinai nas mãos a testa desencantada,
e de mim mesma desaparecer,
– que o clamor dos homens gloriosos
cortou-me o coração de lado a lado.

Pois era um clamor de espadas bravias,
de espadas enlouquecidas e sem relâmpagos,
ah, sem relâmpagos...
pegajosas de lodo e sangue denso.

Como ficaram meus dias, e as flores claras que pensava!
Nuvens brandas, construindo mundos,
como se apagaram de repente!

Ah, o clamor dos homens gloriosos
atravessando ebriamente os mapas!

Antes o murmúrio da dor, esse murmúrio triste e simples
de lágrima interminável, com sua centelha ardente e eterna.

Senhor da Vida, leva-me para longe!
Quero retroceder aos aléns de mim mesma!

Converter-me em animal tranqüilo,

⁶ As páginas de *A manhã* com poemas de *Mar absoluto* podem ser reproduzidas nos links a seguir: <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/21643>; <http://memoria.bn.br/DocReader/116408/21645>.

em planta incomunicável,
em pedra sem respiração.

Quebra-me no giro dos ventos e das águas!
Reduza-me ao pó que fui!
Reduza a pó minha memória!

Reduza a pó
a memória dos homens, escutada e vivida...
(MEIRELES, 1983, p. 279-280)

Ao escutar os feitos dos homens que fazem a guerra, "atravessando ebriamente os mapas", com suas espadas "pegajosas de lodo e sangue denso", a voz poética se sente profundamente afetada pelos acontecimentos à sua volta, cuja metáfora contida em "o clamor dos homens gloriosos/cortou-me o coração de lado a lado" justifica essa assertiva. É contra essa incompatibilidade da guerra com a vida que a poeta ergue a voz e clama: "Senhor da Vida, leva-me para longe!". As proposições "esquecer o tempo", "desaparecer" e "retroceder aos aléns de mim" também apontam para essa insatisfação de se viver num mundo sem humanidade. Aliás, "converter-me em animal tranquilo/em planta incomunicável/em pedra sem respiração", poder sugerir um modo de vida em que o homem volte a viver segundo a harmonia perfeita da natureza e não negar seu pertencimento à ordem dela. A exigência da poeta é para que se "reduza a pó" essa forma de compreender a existência humana escutada e vivida, que foi corrompida pelos homens gloriosos.

Outra característica essencial à poesia insubmissa, "a correção do ensimesmamento, tendência compulsiva dos poetas pelo princípio de participação" (PONTES, 1999, p. 32), pode ser visualizada no poema a seguir:

GUERRA

TANTO É o sangue
que os rios desistem de seu ritmo,
e o oceano delira
e rejeita as espumas vermelhas.

Tanto é o sangue
que até a lua se levanta horrível,
e erra nos lugares serenos,
sonâmbula de auréolas rubras,
com o fogo do inferno em suas madeixas.

Tanta é a morte
que nem os rostos se conhecem, lado a lado,
e os pedaços de corpo estão por ali como tábuas sem uso.

Oh, os dedos com alianças perdidos na lama...
Os olhos que já não pestanejam com a poeira...
As bocas de recados perdidos...
O coração dado aos vermes, dentro dos densos uniformes...

Tanta é a morte
que só as almas formariam colunas,
as almas desprendidas... – e alcançariam as estrelas.

E as máquinas de entranhas abertas,
e os cadáveres ainda armados,
e a terra com suas flores ardendo,
e os rios espavoridos como tigres, com suas máculas,
e este mar desvairado de incêndios e naufragos,
e a lua alucinada de seu testemunho,
e nós e vós, imunes,
chorando, apenas, sobre fotografias,
– tudo é um natural armar e desarmar de andaimes
entre tempos vagarosos,
sonhando arquiteturas.
(MEIRELES, 1983, p. 277)

Neste poema, a violência da guerra é enfatizada por meio do contraste ao modo como a natureza reage à barbárie e à maneira como as pessoas reagem ao testemunho do mesmo evento, que só pode significar uma tentativa da poeta de convencer o seu leitor a uma mudança de comportamento. A estratégia de conscientização pode ser vista na natureza exercendo uma função que deveria ser humana, posto que são os rios, o oceano, a lua e a terra que estão sendo profundamente afetados pela guerra enquanto que à humanidade é atribuído apenas o papel de lamento sobre “pedaços de corpos [que] estão por ali como tábuas sem uso”, “dedos com alianças perdidos na lama” e “coração dado aos vermes”, as verdadeiras fotografias dessa violência brutal da guerra, estigmatizada também pela repetição do “tanto é o sangue”, “tanta é a morte”, ao longo de quatro versos do poema. O fechamento de grande beleza e convicção “– tudo é um natural armar e desarmar de andaimes/entre tempos vagarosos,/sonhando arquiteturas.”, a acentuar ainda mais a banalização da violência pela sociedade.

Nos versos de “Lamento do oficial por seu cavalo morto”, o compromisso político de Cecília, em poesia, é marcado com a urgência de uma resposta ética ao sofrimento dos seus semelhantes, o que nos leva ao “múnus do poeta insubmisso”, a laicização da poesia, que na época moderna se faz “mediante um pacto com a vida civil, equivale a dizer, com os outros, e conseqüentemente, com ação política” (PONTES, 1999, p. 33):

LAMENTO DO OFICIAL
POR SEU CAVALO MORTO

Nós merecemos a morte,
porque somos humanos
e a guerra é feita pelas nossas mãos,
pela nossa cabeça embrulhada em séculos de sombra,
por nosso sangue estranho e instável, pelas ordens
que trazemos por dentro, e ficam sem explicação.

Criamos o fogo, a velocidade, a nova alquimia,
os cálculos do gesto,
embora sabendo que somos irmãos.
Temos até os átomos por cúmplices, e que pecados
de ciência, pelo mar, pelas nuvens, nos astros!
Que delírio sem Deus, nossa imaginação!

E aqui morreste! Oh, tua morte é a minha, que, enganada,
recebes. Não te queixas. Não pensas. Não sabes. Indigno,
ver parar, pelo meu, teu inofensivo coração.
Animal encantado, – melhor que nós todos! – que tinhas tu com
[este mundo dos homens?

Aprendias a vida, plácida e pura, e entrelaçada
em carne e sonho, que os teus olhos decifravam...
Rei das planícies verdes, com rios trêmulos de relinchos...
Como vieste morrer por um que mata seus irmãos!
(MEIRELES, 1983, p. 276-277)

Ao contrário da expectativa de que a tecnologia científica levasse o homem a empregar com responsabilidade os bens que produzira e a se relacionar com seu símile de maneira harmoniosa ("embora sabendo que somos irmãos./Temos até átomos por cúmplices, e que pecados/de ciência, pelo mar, pelas nuvens, nos astros!"), ele se apropriou desses avanços científicos para instrumentalizar a violência e a exercer domínio sobre o outro. Por isso, o "nós merecemos a morte/porque somos humanos/e a guerra é feita pelas nossas mãos", revelar a consciência poética de Cecília Meireles por meio do sujeito lírico do poema sobre o modo como o homem está vivendo uma vida sombria/sem Deus⁷. Do mesmo modo a reflexão do eu poemático sobre a morte do seu cavalo: "Animal encantado – melhor que todos nós! – que tinhas tu com este mundo dos homens?", traz à tona a ideia, já discutida em linhas anteriores, de que a poeta se vale da força ideológica de expressão, levando o outro a questionar também o seu estar no mundo e a sua relação junto à natureza. Não obstante, o excerto é uma interrogação que culminará com a sentença moral: "Como vieste morrer por um que mata seus irmãos!". A morte do animal na guerra, e por engano, em lugar do homem demonstra a humanização requerida pelo poema, pois se é o homem o causador da sua própria destruição,

⁷ Sobre religiosidade nos poemas de *Mar absoluto*, consultar Silva (2009): *Imagens do absoluto: o simbolismo religioso na poesia de Cecília Meireles*.

de igual modo é o único que pode por fim a tudo isso, e que a exemplo do cavalo reaprenda a viver uma vida de placidez e pureza, essencial aos seus desígnios.

Mediante ao que viemos demonstrando através das leituras de "Guerra", "Os homens gloriosos" e "Lamento do oficial por seu cavalo morto", podemos afirmar também que Cecília Meireles é poeta insubmissa porque "sua sensibilidade está solidária com miseráveis, oprimidos e subjugados" (PONTES, 1999, p. 36)⁸. A metapoesia de "Compromisso" segue nos amparando em nossa defesa através de seus versos: "Faro do planeta e do firmamento,/bússola enamorada da eternidade,/um sentimento lancinante de horizontes,/um poder de abraçar, de envolver/as coisas sofredoras,/e levá-las nos ombros como os anhos e as cruzes" (MEIRELES, 1983, p. 228), posto que a poeta "ignora a fé cristã para praticar seu misticismo, compondo a figura mística do sujeito lírico alia-se à imagem do poeta sofredor, encarregado de suportar nos ombros o peso do mundo" (SILVA, 2009, p. 127).

No concernente ao enfrentamento e livramento da opressão, à correção do ensimesmamento, à laicização da poesia e à solidariedade com miseráveis, oprimidos e subjugados praticados em *Mar absoluto*, o poema "Joguinho na varanda" vem demonstrar que "para o poeta insubmisso tudo é matéria de poesia, numa constante atitude prospectiva" (PONTES, 1999, p. 33). A própria escolha de Cecília em não definir o espaço e tempo da guerra nos poemas do livro, mas pondo em relevo a condição humana/desumana da sociedade diante do que está sendo vivido, permite que ela fale por meio de diversos temas e vozes, Leia-se:

JOGUINHO NA VARANDA

Meu parceiro joga com as bolas encarnadas:

"Se eu não ganhar desta vez, não dormirei a noite inteira.

"O inimigo está avançando. Mas eu tenho um plano estratégico.

"Estou imobilizado? Parece que caí num bolsão.

"Que fazer? Andar para trás. Depois, darei um grande salto.

"Conquistei uma posição. Isso agora é uma cabeça de ponte..."

E a lua, que sobrevoa terras e mares incendiados,
assiste ao jogo inocente, num quadrado de papelão.

Ilumina as bolas vermelhas, verdes, amarelas e pretas
com a mesma luz que envolveu os feridos, longe, de bruços,
e os mortos solitários que o sol amanhecendo encontra.

⁸ Somente pelos títulos, outros poemas do livro, como "Lamento da noiva do soldado" (p. 239-240), "Os presentes dos mortos" (p. 241-242), "Suave morta" (p. 242-243) "Lamento da mãe órfã" (p. 257-258) e "Os mortos" (p. 269), antevêm essa característica. Também convém pontuarmos que esses poemas, bem como o citados no parágrafo estão na primeira parte do livro sob o título "Mar absoluto". Essa parte concentra poemas que fazem alusão à guerra dum ponto de vista mais aproximado do conflito retratando suas mazelas para as vidas individuais.

(MEIRELES, 1983, p. 298-299)

Estamos diante de um poema cuja distância em relação à guerra parece contrastar com os outros lidos em parágrafos anteriores. Se as mazelas do conflito para as vidas individuais eram o tema da escrita poética daqueles, vemos neste um “Joguinho na varanda”, longe da guerra, viabilizando o tema bélico. O que num primeiro momento pode parecer algo dissociado (jogo infantil/confronto armado), acaba por demonstrar que a guerra está presente no cotidiano dos civis, ainda que seus efeitos não sejam sentidos por eles, posto que o “jogo inocente” é todo construído através da mesma linguagem combativa das batalhas. Também podemos lê-lo como uma crítica à masculinidade que estaria sendo neutralizada em direção ao infantil (basta lembrar que “os homens gloriosos” já foram acusados de atentar contra a Vida ao promoverem os enfrentamentos). Diante disso, podemos atribuir a “Joguinho na varanda” outra qualidade da poesia insubmissa: o “raciocínio antitético e metafórico”, de modo que “a força verbal de uma poesia assim concebida é [...] muito maior que uma outra construída sobre o unitarismo do eu ensimesmado” (PONTES, 1999, p. 34). Note-se, ainda, que diferente de “Compromisso”, a lua e o sol reaparecem nesse poema para enfatizar seu efeito (naquele, é a ausência que reforça o efeito), porque a mesma lua que permite aproximar os dois cenários distantes é a que se mantém indiferente, assistindo ao jogo infantil e a envolver com sua luz “os feridos, longe, de braços,/e os mortos solitários que o sol amanhecendo encontra”. E se em “Guerra” vemos a lua e outros elementos da natureza sendo profundamente afetados pelo conflito, “Joguinho na varanda” se opõe na medida em que a lua se revela equidistante das duas cenas, sugerindo uma crítica quanto a própria atitude humana, indiferente e distante, em relação aos acontecimentos da guerra. “Jornal, longe” reforça essa mesma crítica:

JORNAL, LONGE

Que faremos destes jornais, com telegramas, notícias,
anúncios, fotografias, opiniões...?

Caem as folhas secas sobre os longos relatos de guerra:
e o sol empalidece suas letras infinitas.

Que faremos destes jornais, longe do mundo e dos homens?
Este recado de loucura perde o sentido entre a terra e o céu.

De dia, lemos na flor que nasce e na abelha que voa;
de noite, nas grandes estrelas, e no aroma do campo serenado.

Aqui, toda a vizinhança proclama convicta:

"Os jornais servem para fazer embrulhos".

E é uma das raras vezes em que todos estão de acordo.
(MEIRELES, 1983, p. 301)

Lembre-mos que parte dos poemas de *Mar absoluto* foi publicado em jornal antes mesmo de saírem em livro. "Joguinho na varanda" e "Jornal, longe" estão entre os poemas que aparecem na edição 723, de 15 de dezembro de 1943, do jornal carioca *A manhã*, sob o título "Os dias felizes"⁹. Há dois argumentos que parecem interessantes de serem considerados para que se entenda a perspectiva mais distanciada da guerra neles, que longe de ser um defeito, sugere o papel consciente da poeta diante daquilo que a realidade lhe exigia e estava ao seu alcance. O primeiro diz respeito ao fato de Cecília ter composto os poemas reunidos em "Os dias felizes" quando esteve internada numa clínica de repouso longe de relações sociais¹⁰. E segundo, por lhe ter sido recomendado que não escrevesse nada sobre política em sua coluna "Professores e estudantes", mantida no mesmo jornal entre 1941 e 1943, onde alertava para ideais da educação não atendidos pelo governo da época, e que pode ter resultado, inclusive, nessa postura mais sutil nos poemas publicados no final daquele último ano em *A manhã*. Logo, esse distanciamento a que nos referimos nos poemas é compreensível, dada a perseguição, mais ou menos velada, que já vinha sofrendo e o desencanto pelo qual passou por conta disso.

Mesmo com todas essas questões, o poema "Jornal, longe" traz a própria imprensa como tema de guerra, e em seus versos pode ser sentida uma crítica aos jornais que acentuavam a distância de quem já estava distante daquele que é um dos eventos mais desumanos da história ("esse recado de loucura perde o sentido entre a terra e o céu"). Por isso, a poeta aproveita esse espaço para lançar reflexões sobre a ausência de humanidade entre os homens e a necessidade de uma retomada de consciência sobre a realidade em que estão inseridos por meio da palavra insubmissa, "voz que lança clareza e distinção; denuncia e guia" (PONTES, 1999, p. 36). E ao retornarmos novamente a "Guerra" para estabelecermos uma comparação, onde vemos a passividade daqueles que choram seus mortos por meio das fotografias, veremos esse "Jornal, longe", com fotografias e outras coisas que se referem ao conflito, servindo apenas para "fazer embrulhos", a acentuar o alheamento das pessoas, inclusive pela ausência de sensibilidade para quem está sofrendo com a guerra. O sol reaparecendo também nesse poema, diferenciando-se

⁹ No livro, esses poemas estão na segunda parte sob o mesmo título. Aliás, todos os poemas dessa parte estão na publicação do jornal, salvo acréscimos e modificações, na qual se vê um espaço mais delimitado à guerra, porém a situar o cotidiano dos indivíduos.

¹⁰ Essa informação nos chega por meio de correspondências de Cecília Meireles a Armando Cortês-Rodrigues, podendo ser lida em *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Cortês-Rodrigues*, sob organização de Celestino Sachet.

da não-existência em “Compromisso”, a empalidecer as letras infinitas com os relatos da guerra, atesta ainda mais a não-importância dada aos jornais pelos seus receptores e a própria inexpressividade do jornal diante do evento violento, ou seja, a poeta insubmissa apela por uma mudança de atitude de toda a sociedade diante do conflito.

Por tudo que viemos demonstrando até aqui, julgamos ter comprovado ser a poesia dada em *Mar absoluto e outros poemas*, de Cecília Meireles, da categoria insubmissa, em que as palavras têm clareza e poder de convencimento. Nesse livro se observa o papel que a poeta assume ao se posicionar contra a barbárie e partilhar de reivindicações contra a violência da guerra através dos seus poemas. Nas páginas desse volume há uma voz que lança clareza e distinção; denuncia e guia; que propõe o enfrentamento e o livramento da opressão, a correção do ensimesmamento e a laicização da poesia, e em tudo o que vai dito pesa o raciocínio antitético e metafórico. Os diversos temas revelam o compromisso irremediável com os injustiçados (PONTES, 1999). Esse compromisso, que buscamos enfatizar desde a escolha da epígrafe do estudo, pode ser apreendido ao longo da irrestrita reverência ao ser humano revelada no livro. Deixemos o pórtico de Cecília comprovar pela última vez nossa fala, e já que não falamos tanto da presença do mar ao longo do texto, sendo este o tema principal, por onde navegam os versos da poeta, tomemos o poema que abre o livro e nos ajuda a demonstrar uma das formas de olhar para esse espaço na obra, em que um eu rememora sua história e se vê sobrevivente de naufrágios, chegando à consciência da viagem pelo mar absoluto¹¹.

MAR ABSOLUTO

Foi desde sempre o mar.
E multidões passadas me empurravam
como o barco esquecido.

Agora recordo que falavam
da revolta dos ventos,
de linhos, de cordas, de ferros,
de sereias dadas à costa. [...]

Então, é comigo que falam,
sou eu que devo ir.
Porque não há ninguém,
não, não haverá mais ninguém,
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos. [...]
(MEIRELES, 1983, p. 219)

¹¹ Vide análise anterior de “Desejo do regresso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lançado em 1945, antecedendo em menos de dez anos a publicação do *Romanceiro da Inconfidência, Mar absoluto e outros poemas* é crítico, insubmisso e revolucionário diante dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Por não ter sido considerado político por muito tempo, defendemos que essa lacuna na fortuna crítica de Cecília Meireles precisa ser corrigida, porque apesar de sua poesia política ter sido amplamente atribuída ao *Romanceiro*, é possível ver o processo criativo dessas duas obras se entrecruzando em diversos pontos, basta subtrairmos os dez anos que a autora disse ter levado para produzir o livro que lançou em 1953 para encontramos o respaldo dessa afirmação¹².

Nossa defesa da voz insubmissa feminina de Cecília Meireles muito se deve ao avanço dos estudos de gênero da crítica literária, posto que se reconhece o silenciamento secular com que as mulheres foram tratadas em diferentes lugares de fala e a necessidade do desfazimento da soberania masculina no cânone literário, o que pode ser considerado também uma atualização dos estudos da Poesia Insubmissa, propostas por Roberto Pontes, que fundamentalmente nos orienta nesse texto. Isto ocorre na medida em que essa proposta de prática de estudo do texto poético, que veio juntar-se aos métodos de crítica literária em 1999, tenha se dedicado apenas à análise desse tipo de poesia produzida por homens.

Mar absoluto veio a público no ano em que a Segunda Guerra Mundial chegava ao fim e se revela uma autêntica atitude poética, política e ética, e ainda que tenha sido incompreendido pela crítica, muito por conta do machismo do seu tempo, foi o meio que a poeta encontrou de se engajar e fazer uma revolução silenciosa diante da tragédia humana que testemunhou. O que dizemos numa leitura atual, não pode passar despercebido, e não somente pelo impulso das questões de autoria feminina, mas, porque no momento em que escrevemos, vivemos novos cenários de violência em todo o mundo que utilizam os mesmos discursos fascistas de outrora e nos fazem reviver antigos fantasmas que estão bem vivos como antes, e que, portanto, levam esta obra de Cecília, na atualidade, a nos oferecer muitos ensinamentos éticos valiosos.

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. A poesia de Cecília Meireles. *Metamorfose*. Rio de Janeiro: Cátedra José de Sena – Faculdade de Letras da UFRJ, n° 1, p. 61 - 71, 1999.

¹² A pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará sob o título *Poesia insubmissa afrobrasílusa e feminina: um estudo das obras de Noémia de Sousa, Cecília Meireles e Sophia Andresen*, da qual esse trabalho apresenta alguns resultados iniciais, buscará elucidar melhor essas questões.

BERGAMINI JUNIOR, Atilio. *A poesia de Cecília Meireles e a Segunda Guerra Mundial*. [Esquema de aula sobre Cecília para a disciplina Literatura e História, ministrada no primeiro semestre de 2022 no Programa de Pós Graduação em Letras Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará]. Fortaleza: (digitalizado), 2022.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *A manhã* (RJ) - 1925 a 1953. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2023.

LYRA, Pedro. *Literatura e Ideologia: Ensaio de Sociologia da Arte*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

MEIRELES, Cecília. Como escrevi o Romancero da inconfidência. In: MEIRELES, Cecília. *Romancero da inconfidência: Edição comemorativa - 60 anos*. Org. André Seffrin. 12. ed. São Paulo: Global, 2013.

MEIRELES, Cecília. Mar absoluto e outros poemas. In: MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

MOURA, Murilo Marcondes de. *O mundo sitiado: a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, Editora 34, 2016.

PIETRANI, Anélia Montechiari. A palavra ecopoética de Cecília Meireles. In: *Interdisciplinar: Revista de estudo em língua e literatura*. São Cristóvão, UFS, v. 32, jul.- dez., p. 99-112, 2019.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasilusa: estudo da obra de José Gomes Ferreira, Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto*. Fortaleza: EUFC, Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1999.

SACHET, Celestino. (Org.). *A lição do poema: Cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

SILVA, Rosana Rodrigues da. *Imagens do absoluto: o simbolismo religioso na poesia de Cecília Meireles*. In: *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 31, n. 1, p. 121-138, jan./jun. 2009.

Recebido em: 30/03/2023

Aprovado em: 15/05/2023

Publicado em: 04/08/2023



10.29281/r.decifrar.2023.1a_2